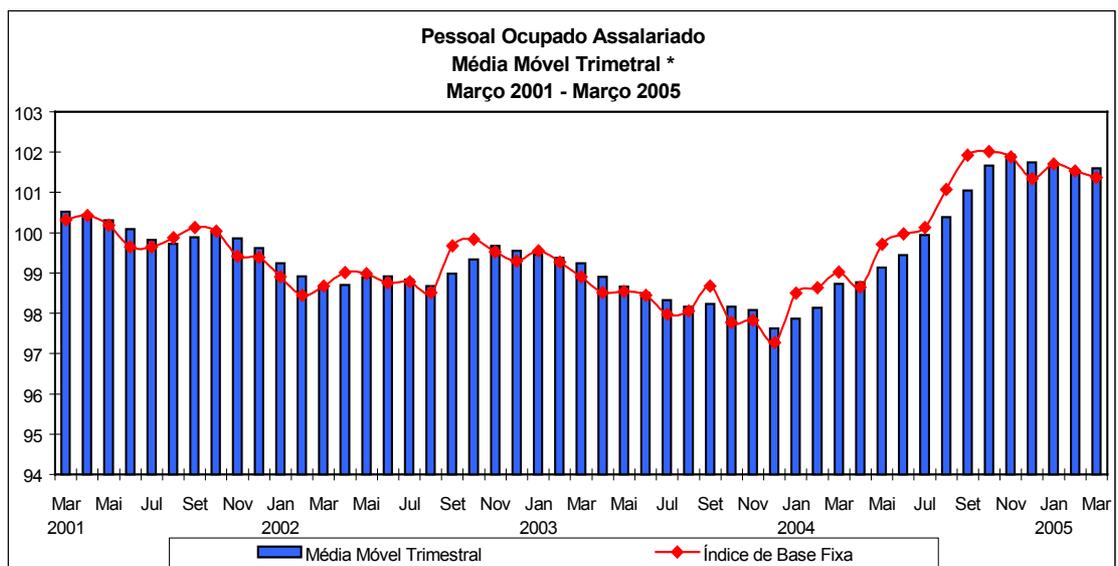


## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em março, o emprego industrial apresentou variação negativa (-0,2%) em relação ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais. A comparação com março de 2004 registrou aumento de 2,2%, o décimo terceiro resultado positivo consecutivo neste indicador. O primeiro trimestre de 2005, no confronto com igual período de 2004, cresceu 2,7% mas ficou 0,1% abaixo do último trimestre de 2004 (na série com ajuste sazonal). Neste tipo de comparação, trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o índice do nível de emprego vinha com resultados positivos desde o período janeiro-março de 2004 (1,1%), apresentando acréscimo de 0,7% no segundo trimestre daquele ano, 1,6% no período julho-setembro e 0,7% no último trimestre. O indicador acumulado nos últimos doze meses (2,7%), registrou ligeira aceleração frente ao resultado de fevereiro (2,5%).

A taxa negativa de 0,2% entre fevereiro e março mantém o índice de média móvel trimestral estável (0,0%) entre os trimestres encerrados em março e fevereiro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

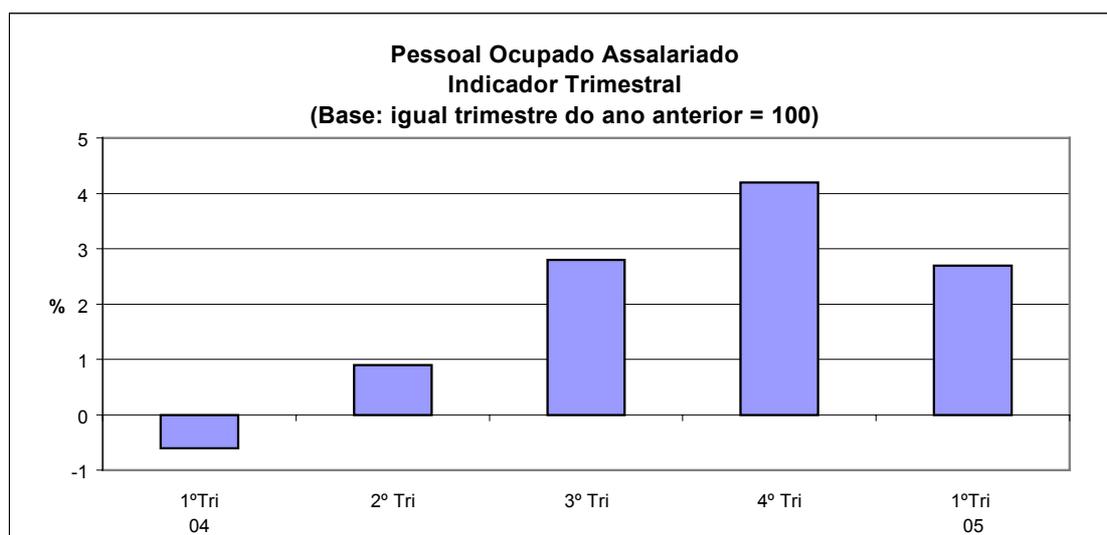
\*série com ajuste sazonal

Em relação a março de 2004, o acréscimo de 2,2% foi decorrente, sobretudo, das admissões verificadas em onze dos quatorze locais e onze dos dezoito segmentos pesquisados. Os locais responsáveis pelos principais impactos positivos no cômputo geral foram São Paulo (2,2%), Minas Gerais (4,9%) e região Norte e Centro-Oeste (6,0%). Na indústria paulista, de alimentos e bebidas (13,3%) e meios de transporte (14,0%) foram os destaques entre os onze ramos que aumentaram o número de pessoas ocupadas. Já na indústria mineira, treze segmentos empregaram mais, dentre estes, os destaque foram produtos de metal (28,6%) e meios de transporte (11,6%). Na região Norte e Centro-Oeste, a taxa significativa foi determinada pelo bom desempenho do setor de alimentos e bebidas (13,6%), beneficiado pelo dinamismo da agroindústria. Por outro lado, o maior impacto negativo veio do Rio Grande do Sul (-4,4%), principalmente, em consequência da queda expressiva em calçados e artigos de couros (-18,3%).

Em termos setoriais, as principais contribuições positivas no resultado global vieram das indústrias de alimentos e bebidas (5,6%), meios de transporte (13,3%) e máquinas e equipamentos (3,8%). Em sentido contrário, calçados e artigos de couro (-9,0%) e vestuário (-2,4%) representaram os impactos negativos mais relevantes.

O emprego industrial avançou 2,7% no acumulado do primeiro trimestre do ano, com o contingente de trabalhadores crescendo em doze locais e onze segmentos pesquisados. As áreas que exerceram as maiores pressões no aumento do número de trabalhadores foram São Paulo (2,4%), Minas Gerais (5,0%), região Norte Centro-Oeste (5,7%), Paraná (6,0%) e Santa Catarina (5,5%). Por outro lado, Rio Grande do Sul, com queda de 2,7%, seguido por Rio de Janeiro (-0,7%) foram as únicas indústrias com redução no emprego neste período. No corte setorial, os destaques ficaram por conta de alimentos e bebidas (5,4%), meios de transporte (13,8%) e máquinas e equipamentos (7,4%). As principais influências negativas no resultado global vieram de calçados e couro (-7,1%) e vestuário (-3,8%).

A análise trimestral mostra que, após apresentar trajetória ascendente desde do início do ano de 2004, o emprego industrial cresce em ritmo mais moderado no primeiro trimestre de 2005. A redução no ritmo de expansão do emprego entre o último trimestre de 2004 (4,2%) e o primeiro trimestre de 2005 (2,7%), também é observada em todos os locais pesquisados, à exceção de Santa Catarina, onde a taxa passa de 4,8% para 5,5% entre os dois períodos.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

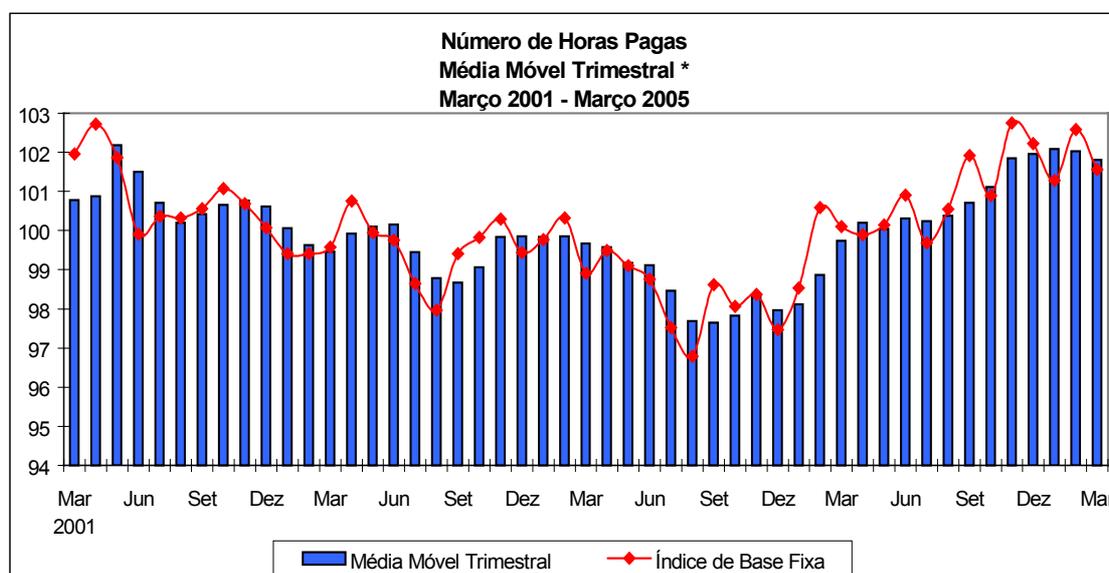
O indicador acumulado nos últimos doze meses apresenta crescimento de 2,7%. Os ramos responsáveis pelos maiores impactos positivo e negativo, respectivamente, foram máquinas e equipamentos (13,0%) e vestuário (-5,6%). No que tange aos locais, São Paulo (2,4%) e Rio Grande do Sul (-1,2%) tiveram, respectivamente, as maiores pressões positiva e negativa.

## NÚMERO DE HORAS PAGAS

O total do número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, em março, decresceu 1,0% em relação a fevereiro, já descontadas as influências sazonais, após ter assinalado expansão de 1,3% entre janeiro e fevereiro. No entanto, em relação ao mesmo mês do ano anterior houve crescimento (1,5%). Os indicadores para períodos mais abrangentes prosseguem positivos: no acumulado do ano (2,0%) e nos últimos doze meses (2,6%). A jornada média de trabalho no mês de março mostrou redução nos três principais indicadores:

-0,6% no indicador mensal, -0,7% no acumulado no ano e -0,1% no acumulado nos últimos doze meses.

O indicador de média móvel trimestral apresentou queda de 0,2% no número de horas pagas na passagem de fevereiro para março. Esse movimento também pode ser observado no confronto trimestre contra trimestre imediatamente anterior (série com ajuste sazonal), que interrompe uma seqüência de quatro trimestres com taxas positivas, ao registrar variação negativa de 0,1%.



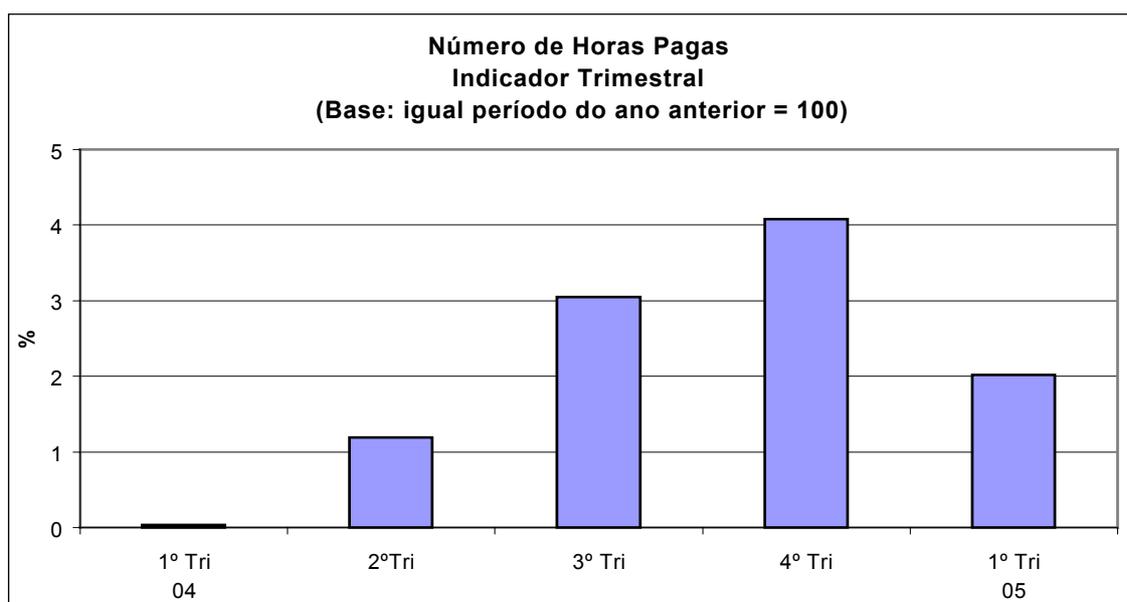
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

Na confronto março 05/março 04, o indicador do número de horas pagas aumentou 1,5%, conseqüência, principalmente, do comportamento positivo de dez dos quatorze locais e de dez das dezoito atividades pesquisadas. Os setores que mais contribuíram para este crescimento foram: alimentos e bebidas (5,1%), meios de transporte (10,5%) e máquinas e equipamentos (3,1%). Por outro lado, as principais quedas concentram-se em calçados e couro (-10,1%), vestuário (-2,1%) e papel e gráfica (-1,7%).

Ainda nessa comparação, por região, as maiores influências positivas vieram de São Paulo (1,8%), Minas Gerais (4,6%) e região Norte e Centro-Oeste (5,6%). Em São Paulo, alimentos e bebidas (13,3%), meios de transporte (9,7%) e têxtil (6,3%) foram os setores onde

mais se observou aumento no número de horas pagas. Em Minas Gerais, os principais acréscimos vieram de produtos de metal (32,0%), meios de transporte (14,7%). Na região Norte e Centro-Oeste, os principais incrementos foram verificados em alimentos e bebidas (12,3%). Entre as regiões que reduziram o número de horas pagas, o Rio Grande do Sul (-6,3%), foi a principal queda, por conta de calçados e couro (-20,9%) e outros produtos da indústria de transformação (-13,7%).

O acumulado do primeiro trimestre, em relação a igual período do ano passado, cresceu 2,0%, com ganhos em dez dos dezoito setores industriais e em doze dos quatorze locais pesquisados. Dentre os setores que registraram taxas positivas, vale citar: alimentos e bebidas (5,9%), meios de transporte (11,4%) e máquinas e equipamentos (6,8%). Em sentido contrário, houve diminuição nas horas pagas em calçados e couro (-9,3%), vestuário (-3,6%) e outros produtos da indústria de transformação (-2,8%). Regionalmente, as maiores influências positivas no resultado global ocorreram em São Paulo (1,6%), Minas Gerais (4,8%), Santa Catarina (5,3%) e região Norte e Centro-Oeste (5,0%). Em sentido contrário, Rio Grande do Sul (-4,3%) e Rio de Janeiro (-2,0) foram os dois únicos locais a recuar.

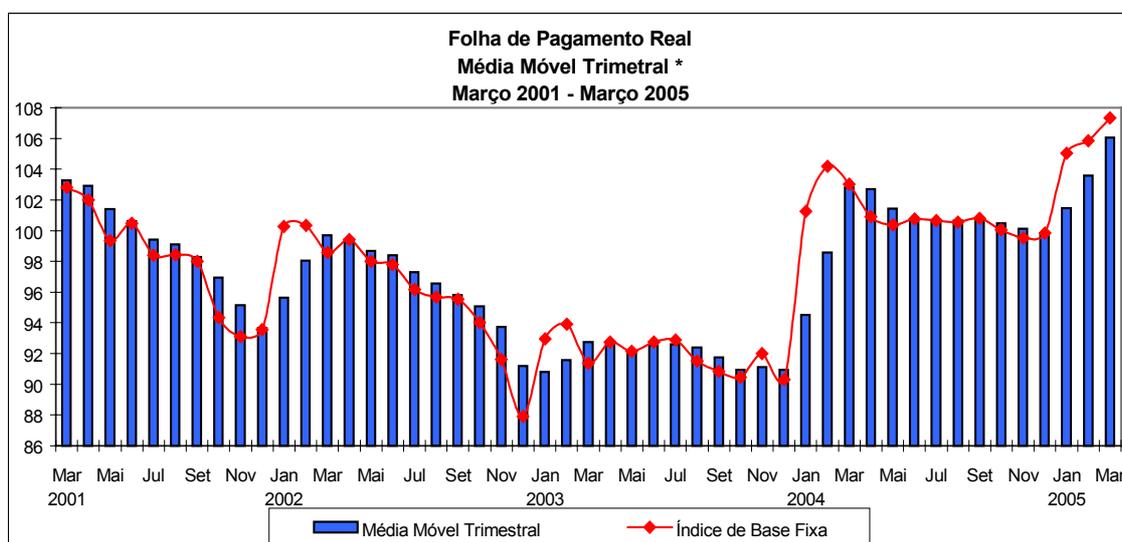


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O indicador acumulado nos últimos doze meses registrou aumento de 2,6%, com crescimento em doze dos dezoito setores e em doze dos quatorze locais. Os maiores impactos positivos sobre a taxa global vieram de máquinas e equipamentos (13,4%), alimentos e bebidas (4,0%) e meios de transporte (11,2%). Regionalmente, as principais influências positivas vieram de São Paulo (2,2%), Minas Gerais (5,7%) e região Norte e Centro-Oeste (5,9%).

## FOLHA DE PAGAMENTO

A indústria brasileira expande, pelo quarto mês consecutivo, o valor real da folha de pagamento de seus trabalhadores, tendo acumulado neste período acréscimo de 7,8% (na comparação março 05/ novembro 04). Entre fevereiro e março há variação positiva de 1,4%, já descontadas as influências sazonais, sendo este movimento de expansão confirmado pelo índice de média móvel trimestral, que mostra ganho de 2,4% entre os trimestres encerrados em fevereiro e março deste ano. Já na comparação com o último trimestre do ano anterior, observa-se incremento de 6,3%.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal

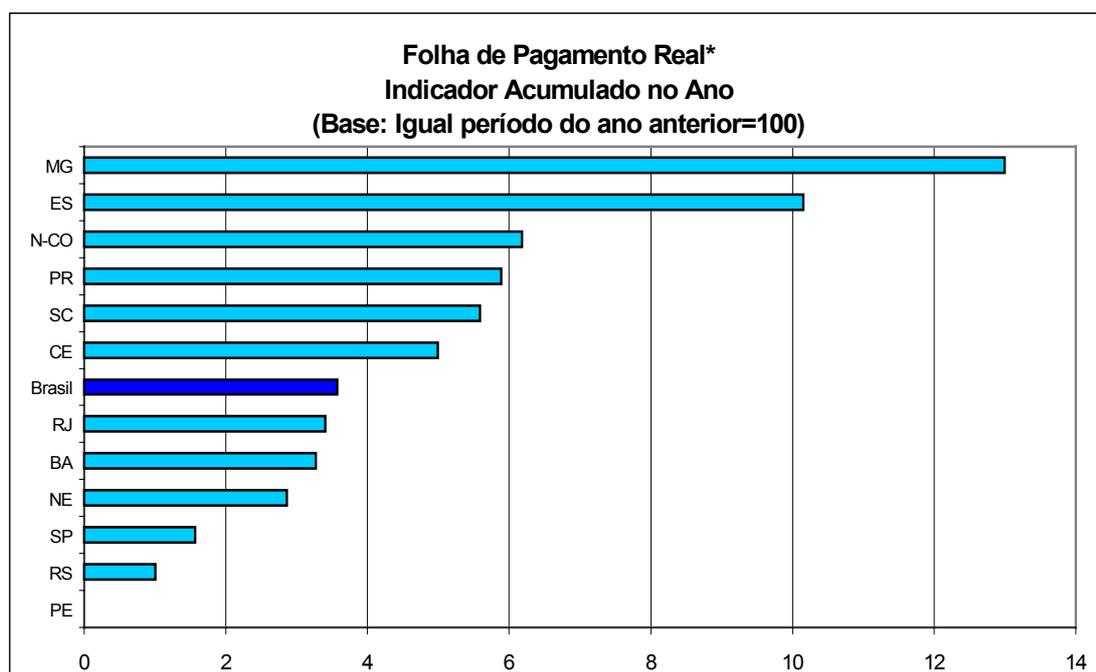
Nos demais indicadores, o valor da folha de pagamento real da indústria brasileira permanece mostrando crescimento: 4,5% em relação a março de 2004, 3,6% no acumulado no primeiro trimestre de 2005 e 8,0% no acumulado nos últimos doze meses. No que tange à folha real média de pagamento também são assinalados resultados positivos segundo os principais confrontos: 2,2% no mensal, 0,8% no acumulado no ano e 5,1% nos últimos doze meses.

Em relação a março de 2004, a folha de pagamento real cresceu 4,5%, com treze dos quatorze locais pesquisados apresentando índices positivos. A indústria de Minas Gerais (19,8%) responde, assim como no mês anterior, pela contribuição de maior impacto na formação do índice global. Também sobressaem as pressões positivas, embora em menor escala, vindas de São Paulo (1,1%), Rio de Janeiro (7,7%), região Norte e Centro-Oeste (8,4%) e Paraná (7,0%).

Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, índices positivos em doze dos dezoito setores pesquisados, ficando o acréscimo de maior influência no cômputo geral com indústrias extrativas (49,2%), vindo a seguir meios de transporte (8,1%), máquinas e equipamentos (9,8%) e alimentos e bebidas (6,8%). Por outro lado, papel e gráfica (-8,6%) e minerais não-metálicos (-10,1%) exibem os principais impactos negativos na folha de pagamento real.

Na comparação contra igual trimestre do ano anterior, observa-se resultados positivos há cinco trimestres consecutivos, porém com trajetória de desaceleração no ritmo de crescimento do valor da folha de pagamento desde o final do ano passado. No primeiro trimestre de 2005, a expansão de 3,6% ficou abaixo do período anterior (9,7%). As indústrias que mais perdem, na passagem do período outubro-dezembro para o primeiro trimestre deste ano, são as de São Paulo (de 11,1% para 1,6%), Ceará (de 12,0% para 5,0%), região Norte e Centro-Oeste (de 10,2% para 6,2%) e Rio de Janeiro (de 9,7% para 3,4%).

O acumulado no primeiro trimestre de 2005 aponta crescimento de 3,6% no valor da folha de pagamento real, com onze das dezoito atividades industriais investigadas influenciando positivamente o índice geral. Os ramos de meios de transporte (10,2%), máquinas e equipamentos (11,4%) e alimentos e bebidas (8,0%) apresentam os impactos positivos mais relevantes. Em contraposição, papel e gráfica (-7,5%) e minerais não-metálicos (-7,9%) são as principais influências entre aquelas que mostram resultados negativos. Na análise regional, Minas Gerais (13,0%) e São Paulo (1,6%) assinalaram as maiores contribuições positivas no total do país, enquanto Pernambuco registrou a única taxa negativa (-0,2%). As pressões positivas sobre a folha de pagamento real nestes estados foram verificadas, sobretudo, nos setores de produtos de metal (79,9%) e indústrias extrativas (41,2%), na indústria mineira; meios de transporte (10,5%) e máquinas e equipamentos (13,2%), na indústria paulista; e alimentos e bebidas (-5,1%), na indústria pernambucana.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação da Indústria

\*Deflacionado pelo IPCA-IBGE

A folha média real de pagamento, segundo o indicador acumulado no primeiro trimestre do ano, cresce 0,8%, com dez locais e oito setores apresentando ganhos em relação a igual período de 2004. Regionalmente as maiores expansões vieram do Espírito Santo e Minas Gerais (ambos com 7,6%). Em nível setorial, os destaques, em termos de magnitude da taxa, ficaram com indústrias extrativas (5,6%) e calçados e couro (5,0%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses apresenta resultados positivos, porém decrescentes nos últimos três meses: 9,3% até janeiro, 8,6% até fevereiro e 8,0% até março. Entre as áreas investigadas, todas assinalam taxas positivas no valor da folha de pagamento.